: : Sciência e Arte

Escolas de repetição

Aspectos duma paragem

. . . Trrum, tum, tum . . .

E todos acudiam pressurosos a vêr as tropas que chegavam. Burguesitas casadoiras, cujo sonho doirado era um par de galões, entusiasmavam-se, acudiam de revoada às janelas, às encruzilhadas dos caminhos, na ânsia febril dum dia de festa. E era vê-las desde pela manhã, azafamadas, preparando uma *toilete* que chamasse bem as atenções, e engatilhando ao espelho o sorriso que havia de prender o alferesito.

Chegaram por fim.

Mil e tantos pobres diabos, meios trôpegos das marchas forçadas, sujos, suados, estampada no rosto a resignação dos submissos, dos humildes, dos acostumados à obediência cega e aos insultos mordentes dos superiores. Seus lábios entre-abertos de sêde, seus dorsos derreados ao peso acabrunhante da mochila, suas testas listradas de regueirinhos de suor, seus olhos injectados de sangue, inflamados da luz dura das estradas poeirentas, tudo nêles exalava uma impressão funda de fadiga física e de abatimento moral.

E aquele imenso rebanho humano, muscularmente fortíssimo, ali ia docilmente, sem a consciência da sua força hercúlea, levado à rédea por meia dúsia de pastores brutais e insolentes que se lhes não podiam impôr nem pela força física, nem pela inteligência, nem pela cultura scientifica.

Todos aqueles homens eram escravos de si mesmos, das ideas de submissão e obediência que herdaram de gerações ininterruptas de servos, e que o meio social gravou mais fundo em seus cérebros pela educação da família, pela escola do Estado, pela arte ao serviço do Estado, e, em suma, por toda esta série de estúpidos preconceitos que a sociedade actual nos prende aos pés logo ao nascer, e que são, pela vida fóra, a nossa mais pesada grilheta moral.

Impressionou-nos profundamente a passagem daquele triste rebanho. Sentiamo-nos como que apoucados na nossa dignidade de homem, nos nossos sentimentos de independência e rebeldia, perante aquela massa humana que se movia passivamente, indiferentemente, a um toque agudo de corneta, ou ao urro imperativo de qualquer agaloado.

Como é que aquela gente ainda não compreendeu que só da sua vontade, do seu esforço colectivo, depende o acabar dêsse humilhante cativeiro? Eles, que odeiam profundamente a vida militar, como é que não se revoltaram ainda contra essa servidão ignóbil, que o Estado só pode impôr servindo-se da força deles mesmos?

. . . . . .

Á noite, passeio e música.

Aquela morena alta, lábios grossos, peitos entumecidos de desejos fortes, a espetarem-se atrevidamente á cara de quem passa, como que a implorar as caricias que vem antegosando esparsas e incompletas em nocturnas e solitárias visões; essa, que todos se voltam para vêr quando passa no esplendor da sua excitante juventude, terá próximamente uns vinte e cinco anos, e desde os dezasseis carrega dolorosamente o pesadíssimo fardo duma virgindade que a incomoda e lhe cava olheiras muito fundas. Quantas vezes já, num frémito de vida mais intensa, tem sentido vontade de a dar, generosamente, sem intuitos mercantis que degradam, apenas pelo prazer da satisfação de um desejo que cresce dia a dia e chega a ser a obsessão absorvente de toda a sua vida!

Mas quê?! E' necessário esperar uma boa ocasião, arranjar um marido que a sustente e lhe dê uma posição na sociedade. Pelo menos foi essa a moral que a mãe lhe seringou aos ouvidos desde pequenina e que, à força de repetida, acabou por fazer parte integrante do seu sêr. E é por isso que ela passeia febrilmente naquela alameda, roçando seus olhares sensíveis por sobre as figuras másculas dos militares superiores, que podiam satisfazer, ao mesmo tempo, os seus apetites de goso e a sua necessidade de colocação. Eles, ao passar, cheiram à cavalgadura que montaram durante a viagem e ao suor dos seus próprios corpos. Mas esse cheiro, que a outros repugna, a ela pelo contrário, fustiga-lhe os nervos, embriaga-a, dilata-lhe as narinas, enche-a de desejos mais vivos, mais palpaveis — dum macho forte que a amachuque em abraços vigorosos, que a pique com os pêlos duros da barba, que lhe esmague os seios, lúbricamente erectos, sob um peito largo, musculoso, cabeludo . . .

E' bonita, correcta de formas, fosforejando histéricos desejos de sua figura ondeante e apetitosa. Mas tudo ali revela a rapariga sem dote, em quem uma educação aburguesadamente viciada, desenvolveu o gosto do luxo e da ostentação da gente rica. De modo que não casa — não é partido que convenha. E, ou ha-de calar seus sonhos côr de rosa e atrofiar-se, pela insatisfação dos seus ardentes desejos, num suplício de horroso silêncio; ou ha-de mandar ao diabo os preconceitos sociais para ceder apenas aos impulsos da carne, e então, não lhe tendo ensinado à ganhar a vida, terá a sorte de tantas outras que foram descendo, degrau a degrau, a escala das últimas humilhações!

. . . . . .

Á noite, à hora de meter na cama, quando os acontecimentos do dia começam a cinematografar-se na nossa mente, acordando aqui uma tristeza, mais além uma revolta, raramente uma nota alegre, põe-se a gente a pensar na grandeza épica da missão que voluntáriamente nos impuzemos! Quantas inteligências a desbravar, quantas teias de aranha a arrancar, para que a luz da idea nova possa penetrar esses cérebros entorpecidos, anquilosados!

A Obra, que desde o princípio se nos afigurou imensa, aumenta agora de amplidão ao passo que as nossas observações se vão alargando.

Assim como os infatigáveis investigadores das sciências positivas, que quanto mais enriquecem o cabedal dos seus conhecimentos mais ignorantes se julgam em relação aos novos problemas que a pesquisa insaciável lhes levanta no caminho, aos novos «*desconhecidos*» que a cada passo lhes surgem no horisonte, assim nós, os lutadores do futuro, os idealistas iluminados duma nova fé, vemos crescer todos os dias, nos contactos com o passado, a nossa tarefa de emancipação. E como êles, como os que andam atrás da verdade na ânsia febril e silenciosa dos laboratórios, também nós nos sentimos encorajados pelas novas dificuldades a vencer, fustigado nosso ardor combativo pelos problemas que ainda ontem nos haviam passado despercebidos.

E a cada dificuldade nova, um esforço mais viril. E ao redobrar dos obstáculos, responde sempre, caprichosamente, numa superabundância de actividades, o redobrar triunfante das nossas energias para essa luta titânica que é a nossa própria razão de ser.

Mafra, agosto de 1915.

A. QUINTANILHA.

UMA QUESTÃO PALPITANTE

A PREGUNTA DE EMÍLIO COSTA

Pertenço ao número dos que leram esta pregunta inserta em *A Aurora* de 18 de Julho findo, e, francamente, estranhou-me bastante que certos anarquistas — e dos mais intelectuais — se entretenham a semear receios entre os revolucionários das diferentes nações, em reafirmar o princípio das fronteiras.

Certamante não é a mim que Emílio Costa se dirige. Vivendo há quinze anos fóra de Espanha, não sou dos mais notados nem tenho grande influência entre os revolucionários dêste país. E a prova do que digo encontra-se no seguinte: desejando fundar em Londres um Boletim, escrito em várias línguas, para defender os presos espanhois, apenas um grupo acorreu ao meu chamamento, contribuindo com 50 centimos!...

Todavia quero ser o intruso, quero dizer alguma coisa, ocupando o menor espaço possível.

Não acredito numa agressão de Espanha a Portugal; porem, ¿porque não apresentar inversamente a mesma hipótese, isto é, a hipótese duma agressão de Portugal a Espanha?

Por mim, entendo, que Espanha não tomará parte no actual conflito europeu: os seus militares de sala e lareira não servem senão para metralhar os operários. Assim, o seu auxílio aos aliados ou aos alemães seria nulo ou quase nulo. Em todo o caso se ela intervir na contenda fá-lo há ao lado dos aliados. E como Portugal nutre as mesmas simpatias por êstes, a idea duma agressão espanhola não deve atemorizar ninguêm.

De preferência, desejo o triunfo dos aliados, conquanto me não convença que êles representam a Liberdade e a Civilização. Apezar da linguagem dos anarquistas guerristas, é êste um dos assuntos que não se ventila nos campos de batalha, pois a guerra desencadeou-se em conseqüência da desarmonia entre dois partidos rivais. Reconheço, porem, que se o interesse nacional espanhol pende para a neutralidade de Espanha, o mesmo já não digo quanto à intervenção dos interesses nacionalistas dêste país, os quais se inclinam de preferência para a Alemanha. Mas creio que com esta ajuda, ainda a Alemanha não vencerá a guerra.

Os aliados tem-na em casa... Ir com êles é firmar um pacto de *amizade*, a não ser que em antes disso os aliados deixassem livre o território espanhol. Vencida a Alemanha, à Espanha pouco poderia tocar nas partilhas; vencedora, as suas rivais acapararíam tudo.

E' minha opinião particular que à Espanha não lhe convem mover-se nem se moverá. Mas se se movesse pelos aliados, Portugal nada teria que temer; e se se decidisse pelos austro-alemães seria possível que os portuguêses fossem os agressores. ¿Porque não preguntar que atitude tomariam, então, os anarquistas portuguêses?

Tanto num como noutro caso,

a pregunta parece-me ociosa e até ridícula. O forte poderia dizer algo; quanto ao débil, dizendo essas coisas, não faz mais do que aumentar a sua debilidade e tornar mais segura a sua impotência.

Não é próprio de anarquistas o vir tornar público, pela imprensa, o que fariam, chegado o momento da agressão, se chegasse, visto que encontrariam o caminho tapado. No entanto, posso assegurar que se a Espanha tentasse agredir Portugal, teria de contar com a opinião contrária de todos os revolucionários, anarquistas, socialistas e sindicalistas, além da oposição violenta, mas eficaz, dos primeiros e dos últimos.

Espanha agressora só contaria com o apoio de meia dúzia de anarquistas burguêses, ou de apetites burguêses e vida boémia. Assim, 99 por cento dos anarquistas espanhois, voltar-se hiam contra o agressor.

Se sômos internacionalistas —e as guerras possuem um dos seus maiores germens no nacionalismo — daremos uma prova de ilógicos e faremos trabalho negativo, contemplando as fronteiras.

Que desapareçam ou não, Bélgica, França, Alemanha, Espanha, Portugal, etc., é uma coisa que não variará a nossa sorte; ao passo que se se acabar com a autoridade e com a propriedade individual, já a coisa toma outro aspecto. E isto é o que nos deve interessar; o demais é perder tempo, camarada Costa.

Eu, ao menos, assim o entendo e assim o declaro.

Londres.

V. GARCIA.

BALCANS

O perigo alemão e o perigo russo

Os partidos socialistas dos Estados balcânicos decidiram há pouco fundar uma liga socialista interbalcânica, tendo em Bucarest a sede da junta central.

Num manifesto, a liga protesta contra os esforços empregados pelo Quádruplo Entendimento e pelos Impérios centrais afim de arrastar os Balcans para a guerra, e acusa os governos balcânicos de terem, com a sua sêde de conquistas, as suas rivalidades e as suas largas sementeiras de ódio dado azo a essa intromissão abusiva das grandes Potências.

Os povos balcânicos, prossegue o manifesto, acham-se em face desta alternativa: ou atacam a Turquia e preparam o caminho para a entrada da Rússia em Constantinopla e a consequente sujeição ao império do tsar; ou auxiliam o imperialismo austro-alemão e contribuem para a prussianização da Turquia. Mais vale que os povos se entendam entre si e fujam das coligações militares.

UM DEPOIMENTO IMPORTANTE

AS LIÇÕES DA GUERRA PARA UM SOCIALISTA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os extractos seguintes da brochura *O socialismo que morre e o Socialismo que deve renascer*, do socialista suíço Paulo Golay. São bem deduzidas lições da guerra e coisas que andamos a prêgar há muitos anos.

A impotência da internacional

Ah! a despeito das resoluções e dos votos, apesar do passado, apesar da tradição, apesar dos anos de luta, apesar dos anos de sofrimento, apesar da opressão dos govêrnos, apesar da exploração das classes dirigentes, apesar das manifestações não equívocas da internacional capitalista, apesar dos anos de propaganda socialista, apesar de tudo isso, a mobilização fez-se em tôda a parte nas melhores condições. O proletariado recebeu as felicitações dos chefes militares e a imprensa burguesa celebrou, em termos calorosos, a ressurreição do que ela chama a «alma nacional». Essa ressurreição vale-nos três milhões de cadáveres.

Nunca, entretanto, a organização operária alcançara tam elevado número de cotizantes, nunca tal abundância de parlamentares, nunca imprensa mais bem organizada, nunca, tampouco, obra tam detestável como aquela contra a qual necessário seria insurgir-se.

O socialismo que morre

Os nossos adversários clamaram a falência do socialismo. E' andar um pouco depressa de mais. Quem ousaria pretender contudo que êles se enganam completamente? O que morre na hora actual não é o socialismo, mas uma variedade de socialismo, edulcorado, sem espírito de idealismo e sem paixão, com maneiras de funcionário obeso e de pai de família sério, um socialismo sem ousadia nem loucura, amador de estatísticas e de nariz enterrado nos contratos de bom acôrdo com o capitalismo, um socialismo só preocupado com as reformas e que, por um prato de lentilhas, vendeu o seu direito de progenitura, um socialismo que se mostra à burguesia como regulador das impaciências populares e um travão automático das audácias proletárias.

Esse socialismo, cuja contaminação ameaçava tôda a Internacional, é em certa medida responsável pela impotência que nos é censurada.

A social-democracia e o número

... O número nada é, se as energias individuais são paralisadas por uma disciplina rigorosa demais ou se os chefes utilizam a sua acção e a sua influência para obtenção do menor esfôrço.

O reformismo sindical

A custo se concebe um movimento operário de grande envergadura sem um contingente de funcionários. Estes procedem conforme os interesses que lhe são confiados, mas imprimem involuntàriamente à obra que conduzem uma tendência e uma tática nem sempre conformes ao ideal e ao pensamento da massa. As greves já não são movimentos «mixtos», determinados pelas exigências da vida material e pela impaciência de resolver o problema social, mas manifestações com o fim de contrair novas convenções. Assim, com esta prática, o espírito do operário chega a conceber a existência paralela do capitalismo e do sindicato. Insensìvelmente, pois que se trata, em suma, da obtenção de salários elevados e de condições melhores, subordina-se a sorte do operário à do próprio capitalismo. Assegurando a prosperidade do primeiro ao segundo a certeza dos melhoramentos desejados, deseja cada um o desenvolvimento intensivo da «sua» indústria «nacional» em detrimento das indústrias do estrangeiro. Esta concepção tam espalhada nos meios operários alemães permitiu ao patronato afirmar à classe operária que o seu bem-estar dependia da prosperidade mesma do capitalismo indígena. Portanto, lutando pelo imperialismo alemão nos campos da batalha, os operários concorriam ao mesmo tempo para o desenvolvimento normal do seu movimento económico proletário.

Num artigo, R. Schmied, deputado ao Reichstag, diz:

«A experiência mostrou em breve que as indústrias ganhavam tendo condições de trabalho regulares, embora com isso tivesse que sofrer o lucro de alguns patrões. As condições de trabalho unificadas facilitam os cálculos dos patrões e impedem a concorrência desleal. Aos operários são garantidas as mesmas vantagens pela impedição das reduções de salário e da concorrência entre colegas. As condições de trabalho reguladas por contrato põem ordem e estabilidade na vida económica.»

Assim, o sindicalismo deveria considerar como uma honra levar a estabilidade aos lucros patronais! Será então o fim do socialismo reclamar no quadro da sociedade capitalista o máximo de vantagens compatíveis com a existência do próprio regime? Nesse caso, é o abandono de todo e qualquer princípio. Ninguém ignora, no entanto, que o proletariado alveja, não a consolidação do regime capitalista e a obtenção de condições mínimas para o salariado, mas o desaparecimento do regime da propriedade privada e a supressão do salariato.

Como ignorar então a influência desastrosa de tais concepções, que pela sua acção apoucaram a alma do povo e despedaçaram-lhe o impulso revolucionário?

Este carácter centralizador e prático do sindicalismo operário alemão é ainda reforçado por um espírito jerárquico bem pouco recomendável.

Os secretários das grandes organizações tornam-se personalidades. E no movimento político, os deputados, os doutores, os letrados, os advogados, todos os que trazem com a sua sciência um pouco de ambição pessoal, gozam de uma consideração por vezes perigosa.

A falência ante a guerra

E' permitido afirmar que, em face da tarefa suprema que lhe impôs a burguesia capitalista em julho e agôsto de 1914, o socialismo reformista, centralizador e jerárquico fez figura mesquinha.

Evoca involuntàriamente o espectáculo dum corpo enorme no qual vai desaparecer a scentelha de vida.

Necessita-se outra coisa para assegurar o triunfo da humanidade sôbre a barbaria, da justiça social sôbre a iniquidade das classes possuidoras.

A tarefa revolucionária

E' preciso suprimir por tôda a parte o exército. Por tôda a parte o proletariado, fiel ao seu internacionalismo — suprema salvaguarda das autonomias nacionais — oporá à existência mesma do exército a sua vontade revolucionária. E, êle o instrumento da guerra e só a supressão do instrumento permitirá outras arbitragens que não as proferidas pelo incêndio, a violação, o assassinato e o saque.

Hipnotizados pelas desgraças da Bélgica, à qual ninguém recusa a sua simpatia, socialistas há que pedem uma modificação da nossa atitude em face do exército e do orçamento militar. Será preciso lembrar-lhes que são justamente os frutos do militarismo que êles contemplam com horror nos países devastados? Não é concorrendo